

12571 - Agroecologia e resistência no quilombo da lapinha em Matias Cardoso no norte de Minas Gerais¹

Agroecology and resistance in the quilombo lapinha in the north of Minas Gerais

SILVA², Eldo Carlos Pereira da; SILVA³, Ezequiel Dias da; FOSECA⁴ Ana Ivânia Alves; ALVES⁵, Genilda do Rosário

2Univesidade Estadual de Montes Claros, geocarlos@hotmail.com; 3Universidade Estadual de Montes Claros, Ezequielmoc@hotmail.com; 4Univesidade Estadual de Montes Claros, anaivania@gmail.com; 5 Universidade Estadual de Montes Claros; genildaalves.lima@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo discutir as práticas agroecológicas e as formas de resistências das comunidades quilombolas e vazanteiras de Lapinha em Matias Cardoso no Norte de Minas Gerais. Esta população sobrevive em pequenos territórios rurais restritos a partir da criação de Unidades de Proteção Ambiental UPI, s, e Projetos de Irrigação, no entorno das comunidades. Todavia este povo chegou neste local no século XVII, quando os negros escravos fugidos principalmente das fazendas da Bahia, se deslocaram em direção à Mata da Jaíba, nos vales dos Rios São Francisco, Verde Grande e Gorutuba. Estabelecendo-se na região dando origem aos aglomerados humanos caracterizados de quilombos.

Palavras chaves. Agroecologia, Permacultura, Agricultura de base familiar, Quilombolas

Introdução

A agroecologia pode ser um constitutivo da manutenção e proteção dos recursos naturais de sustentabilidade e coletividade através de práticas e manejos seculares. A Agroecologia com suas modernas ramificações e especializações engloba a: agricultura biodinâmica; agricultura natural; agricultura orgânica; permacultura; agrossilvicultura; os sistemas agro-florestais e agricultura ecológica. Tendo como ramo desta pesquisa a permacultura, na qual envolve uma corrente que se procura praticar uma agricultura da forma mais integrada possível com o ambiente natural, imitando a composição espacial das plantas encontradas nas matas e florestas naturais. Envolve plantas semi-permanentes (mandioca, bananeira) e permanentes (árvores frutíferas, madeiras, etc), incluindo a atividade produtiva de animais de pequeno porte como galinhas, porcos e cabritos. Trata-se, pois, de um sistema "Agrosilvopastoril" que considera os aspectos

¹ Trabalho desenvolvido, por membros do Núcleo de Estudos Pesquisas em Geografia Rural-NEPGeR, como parte de pesquisa no "Projeto de Pesquisa em Agroecologia: um estudo sobre Agroecologia e Agricultura familiar nas populações tradicionais do Norte Minas". Vincula ao CNPq e Ministério do Desenvolvimento Agrário MDA, com o apoio da Unimontes.

² Acadêmico do período do curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, Membro do NEPGeR

³ Acadêmico do período do curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes, Membro do NEPGeR

⁴ Professora Ms. do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Coordenadora do NEPGeR, Doutorando pela UNESP- Rio Claro-SP.

⁵ Professora Especialista, do Departamento de Estágio e Práticas Escolares da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes. Coordenadora do NEPGeR

paisagísticos e energéticos em consonância aos recursos naturais, na elaboração e manutenção destes policultivos (diversas culturas convivendo no mesmo espaço). Onde a “Agroecologia é terra, instrumento e alma da produção onde se plantam novas sementes do saber e do conhecimento, onde enraíza o saber no ser e na terra; é o “caldeirão” onde se amalgamam saberes e conhecimentos, ciências, tecnologias e práticas, artes e ofícios no forjamento de um novo paradigma produtivo. (Ieff, 2002, p.37).” Portanto a agroecologia vai além do cultivo orgânico, pois interage com elementos ambientais e humanos, determinam modos de vida e as relações e interações culturais na maneira de produzir alimentos, resgata e revaloriza os costumes tradicionais da pequena agricultura de base familiar.

O presente trabalho tem por objetivo discutir as práticas agroecológicas das comunidades tradicionais e as formas de resistências, na qual as comunidades quilombolas e varzanteiras de Lapinha em Matias Cardoso no Norte de Minas Gerais vivenciam. Estes passando a viver em Ilhas restritas ou pequenas porções de terras às margens do Rio São Francisco, com poucas chances de reprodução social de seus costumes ancestrais, descaracterizando os modelos tradicionais vazanteiros a partir da criação de Unidades de Proteção Ambiental UPI, s, e Projetos de Irrigação. Estes povos chegaram neste local no século XVII, quando os negros escravos fugidos principalmente das fazendas da Bahia, se deslocaram em direção à Mata da Jaíba, nos vales dos Rios São Francisco, Verde Grande e Gorutuba. Estabelecendo-se na região dando origem aos aglomerados humanos caracterizados de quilombos. Mas, a partir da década de 1970, houve uma grande expropriação das terras dos vários quilombos do Norte de Minas pelos fazendeiros e o novo pacote tecnológico inspirado na Revolução Verde. Nesse período, a agricultura brasileira em função da nova fronteira agrícola expulsou muitos de seus moradores seculares que plantavam e colhiam de maneira integrada com a conservação dos recursos renováveis. Onde os mesmos manuseavam pelo extrativismo alguns espaços ambientalmente adequados para a reprodução da biodiversidade com sua cultura e classificação de recursos naturais, no qual o território é afirmação dos princípios tradicionais vinculado ao cotidiano e singularidade deste povo, sendo local onde se retirava o sustento de suas famílias.

Segundo ARAÚJO (2009) “Os *vazanteiros* vêm sendo tratados como invasores e são sistematicamente pressionados pelos técnicos do IEF que se utilizam do poder da instituição como órgão fiscalizador ambiental para repreender, punir e coibir a ocupação da área, o que vem sendo feito desconsiderando as especificidades do grupo e os seus vínculos territoriais”. No entanto, os modelos agroecológicos das populações tradicionais do quilombo da Lapinha contribuíram para fixação das pessoas no campo diminuindo o êxodo rural e a consequente perda de identidade e os vínculos culturais com sua terra. Araújo (2009), afirma que, “as disputas territoriais com o agronegócio e as Unidades de Proteção Integral as UPI’s acabaram por encurralar as comunidades em pequenas áreas”. Onde foram impostas as mesmas modificações em suas formas e modos de vida com a criação de parques como forma de compensação ambiental aos efeitos da degradação originada pelo avanço tecnológico na região. Mas, mesmo com tantas dificuldades os moradores do quilombo organizaram-se criando a “Associação de Produtores Quilombola de lapinha”, como forma de resistência e sobrevivência na região, o que se observa na, figura 1.



Figura 1. Sede da Associação dos Produtores Quilombolas de lapinha em Matias Cardoso, Norte de Minas Gerais. Fonseca, A.I.A. Junho/2010.

Metodologias

Para realização desta pesquisa foi feito uma pesquisa bibliográfica, visita em lócus, e conversas informais com aplicação de questionários semi-estruturados com os moradores da comunidade de Lapinha para melhor compreender o tema, bem como observação participante desenvolvida a partir de incursões junto às coletividades que formam o Quilombo.

Resultados

Após análises do conteúdo em questão foi possível observar que os saberes e métodos agroecológicos nas comunidades negras quilombolas e vazanteiras de Lapinha reforçam as formas de resistências e afirmação de suas cultura e interações sociais amparado no manejo sustentável da terra. Para tanto se verifica que a organização partir do associativismo vem demonstrando grande força de resistência ante ao encurralamento da comunidade, oriundos da criação de Unidades de Conservação Ambiental e os Projetos de Irrigação. No entanto, fica evidente a gritante e urgência da presença de políticas públicas voltadas para a fixação e manutenção destas comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais.

Referências

ARAÚJO, Elisa Cotta de. *Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do quilombo de lapinha e dos varzanteiros do Pau de Léguas*. Montes Claros: 2009. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-

Graduação em Desenvolvimento Social/Unimontes.

COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: Englobamento, Exclusão e Resistência*. Brasília: UnB, 2003, Tese de Doutorado.

GEIER, Bernward. *A agricultura orgânica no mundo*. Revista Agricultura Biodinâmica, IBD - Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural, nº80, outubro de 1998.

MIKLÓS, A. Attila de W. *Agroecologia: base para o desenvolvimento da biotecnologia agrícola e da agricultura*. Anais da 3ª Conferência Brasileira de Agricultura Biodinâmica. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, CETESB, Documentos Ambientais. 1998.

SEVILLA, Guzmán, e.; GONZÁLEZ de Molina, M. *Sobre la agroecología: algunas reflexiones en torno a la agricultura familiar en España*. In: GARCÍA DE LEÓN, M. A. (ed.). El campo y la ciudad. Madrid: MAPA, 1996. P.153-197. (Serie Estudios)

LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. In: *Revista de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, Porto Alegre, 3,nº1, p .36-51.